Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Sejamos utópicos: a arte de Gabriel Chaile é mesmo para todos

FOTOGRAFIAS DE NUNO FERREIRA SANTOS

A morar em Portugal, o artista argentino realiza aqui a sua primeira individual no país.

Luísa Soares de Oliveira

O convite era intrigante: a fotografia de uma folha de papel A4 impressa, colada numa caixa de rua dos serviços camarários, onde se podia ler a frase "imigrantes são bem-vindos". A inauguração, pelo que se contava, seria uma surpresa que não podia ser desvendada com antecedência. O artista, Gabriel Chaile, é dos mais interessantes da cena artística actual. Esteve em 2021 na Galeria Municipal do Porto, na colectiva *Pés de Barro*, e este ano na Bienal de Coimbra. E isto para não falar na Bienal de Veneza onde, na grande exposição que enchia o pavilhão dos Giardini e o edifício do Arsenale, abria este último, com gigantescas figuras em barro que lembravam antigos vasos do mesmo material, vindos das culturas pré-colombianas. Tudo se concertava para estimular a curiosidade de quem anda nestas lides.

Chaile é argentino. Nasceu em 1985, cursou artes plásticas em Tucumán, e vive agora em Portugal. Outra coisa que nos intriga: como é que um argentino vem parar a Portugal? Um pouco por acaso, conta-nos ele. Em Março de 2020, aterrou em Lisboa para vir fazer uma residência artística em Melides, onde o empresário Miguel Carvalho possui um empreendimento imobiliário onde combina o luxo com projectos artísticos de artistas que lhe interessam. Chaile chegou a 17, vindo da feira Arco de Madrid; descansou a 18, e no dia seguinte o país fechou. Não havia maneira de voltar para a Argentina e, sem carro, morar em Melides era complicado. Carvalho alugou-lhe um minúsculo apartamento em Lisboa, na Bica, e aí ficou até ao fim desse primeiro confinamento.

Sozinho, sem família nem amigos, Chaile apenas saía para ir ao supermercado comprar comida e voltava para casa. Foi aí que começou a encontrar outros latino-americanos, todos hispano-falantes, todos clandestinos, que por aí paravam. "Na altura, a Covid era uma coisa que assustava", conta. "Eles sauda- ▶

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

★★★★☆

Migrantes são bem-vindos
De Gabriel Chaile

LISBOA. Kunsthalle Lissabon. Rua José Sobral Cid, 9E. De 5ª a sábado, das 15h às 19h. Até 3 de Setembro.

A relação que pretende estabelecer com a comunidade, e a comunidade mais excluída e invisível de todas — a dos migrantes —, dá-lhe a satisfação de perceber que abriu a arte à vida e ao usufruto de quem, normalmente, a ela não tem qualquer acesso

▶ vam-me, porque me identificavam logo como latino; ao princípio não lhes respondia, mas depois... à terceira vez, convidaram-me para uma cerveja na casa de um deles. Eu estava tão aborrecido que disse que sim. E comecei a interessar-me pela vida dos migrantes – eu também era um migrante. Eles estavam numa situação muito estranha porque não tinham trabalho. Trabalhavam na gastronomia, e de repente tudo tinha fechado e nada! E acabámos por montar um projecto em Chelas que inclui uma cooperativa. Foi incrível! A minha casa era minúscula. Encontrávamo-nos lá, a princípio para beber uma garrafa de vinho, e depois, como estávamos aborrecidos e nenhum de nós tinha família, a fazer cultura, a ler poesia... eu fazia desenhos, eles chegavam e eu explicava-lhes o que estava a fazer. Eram os meus únicos interlocutores aqui, para além dos poucos que eu conhecia do mundo das artes."

A exposição que Chaile abriu agora na Kunsthalle tem muito a ver com esta situação. Na cave, com as condições de exposição habituais neste espaço, que nunca são ideais, há agora uma mesa com livros e um rolo de papel de desenho. Na parede ao lado, pintada de amarelo vivo, uma série de fotografias que, diz o artista, são a sua inspiração de todos os dias. Há imagens de peças de cerâmica pré-colombiana, mas também um auto-retrato de Picasso do Período Rosa, fotografias de grafittis de conteúdo político, um fogareiro de rua, e um forno de tijolos muito parecido com as esculturas que mostra na outra parte da sala.

Estas últimas peças, são duas estruturas móveis. Estão montadas em carrinhos de metal semelhantes aos dos vendedores ambulantes, e incluem vários acessórios, entre os quais megafones para chamar o público. Aparentemente, são fornos bojudos de barro, com a sua boca, uma chaminé e uma frigideira pronta a ser usada. A forma é zoomorfa ou antropomorfa caso em que qualquer semelhança com um auto-retrato do artista não é involuntária. Gabriel Chaile conta-nos que, antes de começar estes objectos de barro, fazia auto-retratos em desenho, fotografia e o mais que lhe ocorresse. "Entre 2007, ano em que acabei o curso, e até 2016, fazia também performance – usava muito o meu corpo e a imagem do meu corpo. Em 2007, entrei para a Universidade de Tucumán, e percebi logo que queria ser escultor. Admirava muito Miguel Ângelo e toda a tradição europeia." Agora, na realidade, estes objectos não podem ser usados. O barro está cru, cozido simplesmente ao sol, mesmo que o artista queira, no fim da exposição, realizar um objecto que funcione, que tenha uma utilidade.

A vocação para a escultura surgiu depois de uma viagem à Europa, em 2015, em que Gabriel Chaile veio ver os museus e conhecer as obras de arte europeias. "No ano seguinte era o bicentenário da independência da Argentina", diz-nos. "Foi na minha cidade que se declarou a independência. E aí, a ministra da cultura – não era uma curadora! – convidou-me a fazer uma exposição num local que tinha a ver com gastronomia, e não com arte. Deu-me um quartito e um atelier, e pediu-me que seguisse um texto que repetia muitas vezes a frase "Duzentos anos de história argentina, duzentos anos de história argentina". E eu pensei que, de facto, eram duzentos anos desde que existia uma República Argentina. Mas que antes havia um monte de culturas que viviam neste território."

Esta consciência de um passado que precede a narrativa oficial dos livros de história imbrica-se com a história pessoal do artista, que pede então à mãe que lhe conte de novo (porque já a ouvira muitas vezes) a história da sua avó, uma mulher indígena barrista que vendia as suas criações em feiras e mercados: "Eu nunca a conheci, pois morreu muito nova. Mas a minha ligação com a arte passa pelas histórias da minha avó. Os meus pais contavam-me que as formas que ela fazia pareciam animais e plantas. Este ano foi muito importante para mim, pois foi o primeiro ano que fiz uma peça em terra, e que me considerei a partir daí, imediatamente, como escultor."

Há, contudo, uma diferença grande: enquanto que a avó do artista vivia e trabalhava no meio popular e campesino da produção artesanal, repetindo formas milenares que não passavam pela aprendizagem erudita proporcionada por um curso superior de artes, Gabriel Chaile move-se no meio da arte contemporânea. A ele, interessa-lhe aquilo que, para ela, estava implícito: que existisse uma função no objecto que produzia. Por isso, "um dia houve uma artista que vivia nas montanhas, perto da cordilheira dos Andes, que veio à cidade e viu uma das minhas esculturas. Um pouco depois escreveu-me a dizer que estava a organizar um festival – que não tinha nada que ver com arte contemporâneo, mas que reunia muitas disciplinas – e que gostava de me convidar porque achava que eu podia fazer uma coisa que funcionasse. Quando ela me disse essa palavra, eu fiquei fascinado, porque era mesmo o que eu esperava que alguém me dissesse!"

Função, utilidade: estas são palavras que estamos habituados a ver conotadas com outras disciplinas, como o design ou a arquitectura, mas nunca com a escultura (e como não lembrar um texto publicado aqui há algumas semanas, assinado por António Guerreiro, que mencionava a arte como algo de profunda e essencialmente inútil...). Gabriel Chaile continua a falar dos seus fornos e do festival onde fez o primeiro de todos: "Era o primeiro objecto funcional. Jagüé é uma aldeia muito pequena. O festival funcionava como uma pequena cooperativa, o que era muito estranho para a minha maneira de trabalhar: um trazia o metal, outro dava a madeira, outro ainda a mão-de-obra, e eu tinha de esperar que tudo chegasse e que, neste processo, chegasse a vez da minha intervenção. Eu estava habituado a trabalhar num museu, por exemplo, e a produção tratava de tudo que estava pronto quando eu chegava. Aqui não. Inclusive, eu quis ir buscar a argila ao mato, com uma pá, e foi mesmo a gente da aldeia que me ensinou a fazer o forno."

Estes fornos são muito comuns na Argentina e, segundo Chaile, a base de toda a economia doméstica fora dos centros das grandes cidades. Mas, para ele, deu-se aqui uma verdadeira transformação conceptual: "Havia também antropólogos, sociólogos, gente do cinema, ceramistas, e mesmo um artesão, Marcos Martinez, com quem cheguei à conclusão que os nossos processos de trabalho eram os mesmos. Simplesmente, eu tinha sido educado para estabelecer a diferença entre artes maiores e artes menores, e ele não."

E nem sequer a originalidade é hoje importante para ele, já que, como nos diz, "a criatividade não tem um tempo acelerado, mas pode decorrer em pequenos e leves passos. Se pensares na arte egípcia, ela durante milhares de anos foi sempre igual! Lembro-me de um filme que vi onde uma família comprava um campo, e todos os anos, em Dezembro, dirigia-se ao campo e afastava as marcas um centímetro. Passados dez anos, já tinham mais do que tinham comprado! Bem mais! Eu gosto desta constância e desta disciplina que permite crescer, mas não a passos de gigante."

Os livros que estão em cima da mesa são sobre antropologia e arqueologia, que Chaile lamenta que não sejam ensinadas no seu país pelo valor plástico dos objectos que se analisam, mas apenas pela sua relação com a história pré-colombiana. Voltamos aos migrantes. Todos vieram à inauguração, conta-nos, e um deles, um *chef* mexicano, até cozinhou uma refeição para os convidados. Permaneceram amigos, e têm projectos em conjunto: "Com o tempo havia mais trabalho, e mais trabalho... isso aliviou-me mental e espiritualmente. Somos uns 6. Fizemos uma cooperativa que reúne os migrantes daqui, e também um grupo de artistas argentinos que querem fazer algo em conjunto. Temos o nosso espaço em Chelas."

Sobre a arte ocidental que estudou, Gabriel Chaile conta-nos que realizou um processo de "desaprendizagem", necessário para chegar ao ponto em que está agora. Na verdade, a sua obra insere-se num processo muito mais geral – e global – de valorização das identidades periféricas e extra-europeias, que encontra ecos no universo sempre ávido de mudança da arte contemporânea. O artista sabe que esta mudança é, por enquanto, ainda muito superficial; mas a relação que pretende estabelecer com a comunidade, e a comunidade mais excluída e invisível de todas – a dos migrantes –, dá-lhe a satisfação de perceber que, pelo menos aqui, abriu a arte à vida, e ao usufruto de quem, normalmente, a ela não tem qualquer acesso. Claro que esta é também uma motivação política. E, neste sentido, tão utópica quanto todas as tentativas de mudança que as vanguardas de há cem anos quiseram fazer.

Sobre a arte ocidental que estudou, conta-nos que realizou um processo de "desaprendizagem", necessário para chegar ao ponto em que está agora. Na verdade, a sua obra insere-se num processo muito mais global de valorização das identidades periféricas e extra-europeias